

# III Simpósio da Equidade Racial

Raízes que educam,  
vozes que transformam!



Realização: SEME, Escolas Municipais e EEEFM Jerônimo Monteiro



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO



## O QUE HERDAMOS DO SILÊNCIO: MEMÓRIA, CORPO E RESISTÊNCIA NEGRA

Livia Theodoro de Melo<sup>1</sup>, Talita Miranda Teixeira Xavier<sup>2</sup>, Francisca Ariana Marinho Silva<sup>3</sup>, Gabriel Lima de Souza<sup>4</sup>, Joice Batista de Assis<sup>5</sup>, Marcela Ogioni do Nascimento<sup>6</sup>, Marcia de Souza Rodrigues<sup>7</sup>, Daniela da Silva Oliveira<sup>8</sup>, Kaick dos Santos<sup>9</sup>.

**Filiação:** <sup>1</sup>Centro de Ciências Exatas, Naturais e da Saúde, Universidade Federal do Espírito Santo, Alegre, Espírito Santo, Brasil; e-mail: Livia.melo@edu.ufes.br.

<sup>2</sup> EEEFM Jerônimo Monteiro, Jerônimo Monteiro – ES.

**RESUMO:** O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a arte ancestral como fundamento simbólico e político na construção da equidade racial, entendendo-a como expressão viva das epistemologias africanas e afro-diaspóricas que resistem ao apagamento histórico e ao epistemicídio cultural. Parte-se da compreensão de que as manifestações artísticas de matriz africana - corporais, visuais, musicais e espirituais - constituem sabedorias de memória, pertencimento e cura coletiva, transmitindo saberes que atravessam o tempo e o território. O objetivo é evidenciar como essas práticas, historicamente marginalizadas pelo olhar colonial, reconfiguram-se como instrumentos de educação estética, social e espiritual na contemporaneidade, reafirmando a dignidade e a humanidade dos povos negros. A metodologia baseia-se em pesquisa bibliográfica e analítica, apoiada em autores como Abdias Nascimento, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Conceição Evaristo, articulando a leitura crítica de produções artísticas, registros históricos e teorias decoloniais sobre o corpo e a arte como território de resistência. As análises dialogam com o legado do Teatro Experimental do Negro (TEN) e com expressões como a capoeira, a oralidade e as estéticas rituais afro-brasileiras, compreendidas como pedagogias da presença e da ancestralidade. Observa-se que a arte ancestral opera como força vital na manutenção da memória coletiva e na reinvenção de identidades, instaurando espaços de reexistência frente ao racismo estrutural e às políticas de silenciamento. Conclui-se que reconhecer e valorizar essas linguagens é reconhecer a potência civilizatória africana, ampliando as possibilidades de uma sociedade plural e equitativa, onde a arte não apenas expressa, mas ensina, cura e liberta.

**Palavras-chave:** Memória coletiva; Resistência negra; Arte afro-brasileira.